

Celebrar o Dia das Mulheres é também refletir sobre o desafio e a responsabilidade de criar meninas fortes, conscientes e preparadas para um mundo onde elas possam se tornar mulheres plenas, livres de preconceitos e com todas as oportunidades que merecem

POR LUIZA MARINHO*
E LOANNE GUIMARÃES*

“Nã o se nasce mulher, torna-se.” A frase, dita pela filósofa e escritora francesa Simone de Beauvoir, expressa que ser mulher é um processo de aprendizado e construção. Mesmo que nenhuma nasça com uma identidade pré-determinada, afinal, essa é definida tanto pela essência de cada indivíduo quanto pelas influências que recebemos da família, sendo ainda moldada com o que o mundo impõe, as meninas, desde a infância, carregam o peso de se tornarem grandes mulheres com certos comportamentos, papéis e expectativas ao longo da vida.

A infância é o ponto inicial na construção de futuros bons cidadãos, quando cada experiência e influência molda a identidade dos pequenos. E os pais e familiares carregam uma grande missão: nesse período de aprendizado é que a criança absorve valores, informações e diferentes perspectivas do mundo ao seu redor. “Na infância, recebemos uma família, um nome e sobrenome e um lugar no sistema familiar. Portanto, a menina irá se identificar com o padrão de crenças e valores, construindo assim sua autoimagem e autoestima. É sempre a partir de informações que recebe da família que a criança poderá se reconhecer como indivíduo”, explica

Andréa Vicente, psicóloga clínica e especialista em terapia familiar sistêmica.

Para a psicóloga, as escolhas e as decisões que serão tomadas ao longo da vida estarão diretamente conectadas ao que a menina aprendeu sobre si mesma e ao entendimento do seu papel no mundo. “É importante conhecer a filha e considerar o que ela é, o que traz em si, quais são suas características como pessoa, seus pontos fortes e aqueles que precisam de ajustes e maior orientação de seus pais. Acreditar em suas potencialidades e possibilidades, apoiar suas decisões, oferecendo seus exemplos e estabelecendo, sempre, um espaço para troca de experiências são pontos fundamentais”, completa.

E o papel da mãe é ainda mais importante nesse processo. Para Sigmund Freud, fundador da psicanálise, toda mãe é, para a filha, um modelo e a primeira referência de figura de mulher. Ela não é apenas uma mãe, mas é, também, a professora da vida, que transmite valores, comportamentos e mostra o melhor caminho a ser trilhado. Já a filha aprende, muitas vezes sem perceber, com as ações da mãe, e em todo esse processo ela se torna a principal fonte de inspiração e o verdadeiro espelho de como a criança irá se enxergar e se expressar como mulher.

***Estagiárias sob a supervisão de Sibeles Negromonte**



Os desafios de pôr uma mulher no mundo